Modos insubmissos de viver: Barcelona aos passos de Michel de Certeau

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/
2179-0892.ra.2018.148932](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.148932)

Rogério Proença Leite

🏠 Universidade Federal de Sergipe | Aracaju, SE, Brasil

✉ rproleite@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda o caráter conflitivo da rua como espaço público, nomeadamente através da análise dos usos e práticas cotidianas insubmissas que desafiam a ordem disciplinar das intervenções urbanísticas em cidades históricas. Tendo como referente empírico o centro histórico de Barcelona, a análise se baseia na Teoria das Práticas de Michel de Certeau e tenta compreender as disjuntivas de usos dos espaços da cidade, em processos contemporâneos de *gentrification*.

PALAVRAS-CHAVE

Usos e práticas cotidianas, Barcelona, Michel de Certeau.

UNSUBMISSIVE WAYS OF LIVING: BARCELONA IN THE FOOTSTEPS OF MICHEL DE CERTEAU

ABSTRACT

This paper deals with the conflicting character of the streets as public spaces, namely through the analysis of the uses and unsubmissive daily practices which defy the disciplinary order of urban interventions in historical cities. By taking Barcelona's historical center as an empirical reference, the analysis is based on Michel de Certeau's theory of practices and aims at understanding the disjunctive uses of spaces in the city through contemporary processes of gentrification.

KEYWORDS

Everyday Uses and Practices,
Barcelona, Michel de Certeau

INTRODUÇÃO

Ao me debruçar sobre as configurações contemporâneas dos espaços públicos em áreas de preservação patrimonial, inicialmente através do estudo sobre o processo de *revitalização* do Bairro do Recife (Leite, 2007) e depois sobre a correlação entre cidades brasileiras e portuguesas (Leite, 2010; Leite e Peixoto, 2009), um aspecto em particular pareceu se destacar dos demais: quanto mais uma área da cidade se *enobrece*¹, tanto mais emergem conflitos entre os diferentes usuários, na forma de tensões e disputas espaciais no âmbito das interações urbanas.

Um desses conflitos observados – e certamente observáveis em espaços semelhantes – decorria exatamente de certas atitudes cotidianas de enfrentamento e/ou insubmissão das pessoas “ordinárias” em relação à ordem disciplinar e vigilante, precisamente na forma como fora elaborada por Michel de Certeau (1984) em sua *Teoria das Práticas*. A partir das suas reflexões sobre as *táticas*, aliadas à dimensão espacial flexível das territorialidades urbanas (Arantes, 2000), pude sugerir a existência do que chamei de *contra-usos da cidade* (Leite, 2007; 2013) para designar usos não esperados dos espaços públicos, através de ações deliberadamente conflituosas.

O conceito de *contra-uso* tenta avançar ligeiramente na análise das práticas sociais cotidianas na medida em que se revela também – e principalmente – no espaço próprio das relações de poder (e não apenas em suas brechas, como sugere Certeau). O *contra-uso*, assim, procede exatamente como forma de tornar mais visível e público o confronto e o desentendimento em relação à ordem normativa. Derivado da noção de *tática* (Certeau, 1984), o *contra-uso* pode ser considerado *tópico* porque ele implica a criação de *topos* na cartografia pretensamente *lisa*

1 Por enobrecimento (*gentrification*) entendo aquelas intervenções urbanas voltadas ao *city marketing*, cujas práticas compreendem um conjunto de intervenções voltadas à transformação de degradados sítios históricos em áreas de entretenimento urbano e consumo (Smith, 1996; Less, 2008).

(sem obstáculos aos fluxos de produção e consumo) da cidade contemporânea.

Esse *topo* ao qual me refiro difere da noção de “topia” de Henri Lefebvre (1999), que pelo mesmo termo designa a rua como “lugar de encontro”. Os *topos* aos quais me refiro, e sobre eles reflito, são antes expressões de desordenadas conflitualidades; *lugares* de desencontros e desentendimentos que se tornaram *contra-usuais* por serem expressões *outsiders* da vida urbana, que reanimam percursos insubmissos da construção política do *lugar*².

Este artigo segue, assim, uma mesma linha de reflexão que tenho adotado em outros estudos similares sobre o caráter conflitivo da rua como espaço público. A principal problemática recai justamente no papel político dessas desordenadas contestações, cujas práticas cotidianas insubmissas desafiam a ordem disciplinar das intervenções urbanísticas que intentam “revitalizar” centros históricos. É nessa direção que amparo a análise na Teoria das Práticas de Michel de Certeau, a qual considero oportuna e de forte valor heurístico para compreender as disjuntivas de usos dos espaços da cidade, em processos contemporâneos de *gentrification*.

A análise aqui proposta recai sobre Barcelona, que é considerada modelo para antropólogos, sociólogos e urbanistas que estudam as cidades. Sabe-se que a principal cidade catalã e maior metrópole da Europa mediterrânea sempre foi uma referência para a arquitetura e para o urbanismo modernos. As obras de Antoni Gaudí e as diversas experiências arquitetônicas e urbanísticas contemporâneas, assinados por importantes nomes, fizeram de Barcelona uma espécie de “cidade-farol” (Bourdin, 2011) das experiências mais inovadoras do urbanismo nas últimas três décadas.

O foco da análise aqui desenvolvida, e apresentada de forma bastante abreviada, resultou de uma longa pesquisa que realizei sobre a cidade catalã em dois momentos distintos: em 2008-2010, no âmbito de um convênio bilateral CAPES-FCT³; e em 2014-2015, quando do desenvolvimento de um Pós-doutorado Sênior⁴, ambas experiências realizadas na Universidade de Coimbra. Nas duas oportunidades, a pesquisa que realizei tinha Barcelona como um dos casos europeus a ser utilizado para o devido debate empírico em relação às experiências brasileiras de enobrecimento urbano. A pesquisa almejou estudar a cidade em um foco específico, a partir da releitura da noção de *tática*, de Michel de Certeau: verificar como se manifestavam publicamente as conflitualidades típicas de confrontação dos *contra-usos* no próprio espaço do poder (e não apenas em suas intertextualidades).

Para efeito de uma síntese expositiva, adequadamente associada à metodologia certeuniana na qual me amparo, a análise sobre esses *contra-usos* em Barcelona se vincula a uma trajetória etnográfica errática, realizada reiteradas vezes em dias e horários diferentes e aleatórios, que configuraram – passo a passo – dois percursos distintos. O primeiro (trajeto em linha vermelha no mapa

2 Como já pude sugerir anteriormente (Leite, 2007), podemos entender os *lugares* como demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente.

3 Estudo integrante do projeto mais amplo de estudos comparados que se desenvolveram no âmbito da Rede Brasil-Portugal de Estudos urbanos, através do projeto Investigações urbanas comparadas Brasil-Portugal: cidades, patrimônio e consumo (CPLP/CNPq) e do Projeto Estudos Urbanos Comparados (Portugal-Brasil) (CAPES-FCT nº 187/2007).

4 Pesquisa do Pós-Doutoramento, realizado em 2014/2015, no Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, com bolsa Sênior CAPES (Proc. 1892/14-2), Ministério da Educação, Brasil.

abaixo) se iniciou na *Plaça Catalunya*, seguiu pelas principais *Ramblas*, adentrou o bairro *El Raval* até a Ronda litoral, percorrendo-a em sentido nordeste. No outro percurso (em azul), fez-se a trajetória pelo segundo grande eixo das principais intervenções urbanas mais recentes de Barcelona: iniciou-se pela Torre Agbar e percorreu-se aleatoriamente pelos labirintos das *calles* do *Poblenou* até novamente a Ronda litoral, percorrendo-a agora em sentido sudoeste até o Porto Olímpico, culminando no trecho da orla marítima, denominado *Passeig Marítim*.

Figura 1
Plaça Catalunya.
Fonte: foto do autor, 2015.

PASSO A PASSO, UMA ENUNCIÇÃO DE BARCELONA

A *Plaça Catalunya* é um importante ponto de chegada e de partida para quem pretende deambular pelas *calles* centrais de Barcelona. Ela abriga a grande estação de metrô *Catalunya*, na qual se entrecruzam quatro das principais linhas que permitem ao transeunte se deslocar para toda a cidade. A centralidade da *Plaça* se deve também à proximidade de algumas localidades referência do circuito histórico e turístico da cidade, a exemplo da *Rambla Central*, a Catedral Metropolitana e o bairro gótico.

Ampla, moderna e espaçosa, a *Plaça* é um típico espaço de passagem, mas, ao contrário de outros espaços semelhantes, não repele quem deseja nela permanecer. Há bancos e áreas arborizadas, de modo que é possível nela demorar-se. Crianças brincam, idosos conversam, jovens interagem. Nela passeiam calmamente turistas, assim como transitam moradores locais. Impecavelmente limpa e desimpedida de quaisquer obstáculos ao livre fluxo, a *Plaça* reflete o espírito cenográfico de toda lógica que orientou a *revitalização* de Barcelona, e que a tornou modelo para os processos urbanísticos contemporâneos: higienização, ordenamento e adequação do espaço e do patrimônio cultural edificado para novas práticas de consumo *na e da* cidade. A *Plaça* é, assim, e antes de tudo, um cenário, um palco. Muito apropriada para quem quer ver e ser visto, ela encarna aquela função de “curetagem social”, destacada por Michel de Certeau (1984), que subtrai a usuários o que apresenta a simples observadores. A supressão de obstáculos físicos ou simbólicos dos espaços urbanos é característica da cidade moderna. A ideia é não apenas tornar os espaços mais adequados ao ritmo veloz da produção socioeconômica da vida, mas também impulsionar o indivíduo ao movimento constante,

para que ele se desenraíze e se *desterritorialize*: não tenha tempo nem lugar. A *Plaça* pode, assim, ser considerada um *espaço de passagem*, mais adequado à observação do que ao uso que cria lugares: como um espaço *liso*⁵, parece estar mais imersa numa espécie de “não-tempo” (*nowhen*), como sugere Certeau (1984: 94).

A dilatação do enquadramento visual é típica da formação das *paisagens de poder* (Zukin, 2000). Ela visa desonerar a paisagem de elementos singulares que a diferenciam, para que o espaço possa ser consumido e consumível por qualquer observador. Esse alargamento do sentido despe a cidade de toda a sutileza e tenta eliminar contrastes, aliviar tensões e recusar a *negatividade*⁶ ao igualar pessoas pelo nivelamento das práticas de consumo.

Barcelona sintetiza, de modo exemplar, as duas tendências mais relevantes e acentuadas do urbanismo contemporâneo, que expressam variantes de uma mesma tendência global da economia, das políticas urbanas e das práticas culturais associadas ao capital financeiro. A primeira perspectiva se refere aos processos de *gentrification*⁷: intervenções urbanas em sítios depauperados, mas em geral com alto valor patrimonial, que modificam a paisagem urbana com transformações arquitetônicas com forte apelo visual, atendendo às demandas de valorização imobiliária, segurança, ordenamento e higienização social do espaço urbano⁸. A segunda se refere aos megaprojetos voltados à construção de áreas para o funcionamento sinérgico de serviços em tecnologia e comunicação, através de megae-difícios empresariais e residenciais; ou, ainda nessa mesma linha, a construção ou adaptação estratégica de bairros, distritos ou cidades no uso “inteligente” da tecnologia, na forma das chamadas *smart cities* ou *intelligent cities*⁹, derivadas da ideia de *cidades criativas*¹⁰, na mesma lógica de impulsionar iniciativas inovadoras e tecnológicas para um novo empreendedorismo urbano. Essas duas faces do urbanismo empresarial se expressam em Barcelona exatamente nos dois percursos aqui analisados: o processo de enobrecimento se deu sobretudo no eixo que vai da *Plaça da Catalunya* ao Parque Olímpico, enquanto a proposta voltada à uma *smart city* reside no projeto Distrito 22@ de Barcelona, no bairro Poblenou.

Para quem sai da *Plaça da Catalunya*, é quase inevitável não ir à *La Rambla de Catalunya*, ou simplesmente *Las Ramblas*, a mais famosa avenida, que permite um trajeto de mais de 1 km a pé até uma das partes portuárias mais antiga da cidade. Todo o percurso é feito em meio a muitos transeuntes, e por entre barracas de flores, restaurantes e um intenso comércio varejista. É perceptível a presença massiva de turistas, em cujo espaço enobrecido encontram toda a sorte de serviços a eles destinados. *Las Ramblas* são um espaço tão metódico quanto era a Paris de Haussmann: limpa, ordenada e policiada. A semelhança não é à toa.

Uma das principais finalidades dos atuais processos de *revitalização* urbana, sobretudo nas do tipo *gentrification*, permanece semelhante ao urbanismo militar que marcou a Paris de Haussmann: higienizar política e socialmente o espaço urbano,

5 Na análise de Deleuze e Guattari (1997), os espaços *lisos* condicionam os pontos ao percurso, ao contrário dos espaços *estriados* que subordinam os trajetos aos pontos que constituem o trajeto. Os espaços estriados são mais adensados de sentido.

6 Cf. Byung-Chul Han (2014).

7 Por *gentrification* entendo um tipo específico de intervenção que altera a paisagem urbana por meio da acentuação ou da transformação arquitetônica com forte apelo visual, adequando a nova paisagem às demandas de valorização imobiliária, segurança, ordenamento e limpeza urbana, voltadas ao uso ou à reapropriação por parte das classes médias e altas, o que resulta em espaços com forte inflexão segregacionista mediante demarcações socioespaciais que fomentam a fragmentação do espaço em diferentes *lugares* (Leite, 2007 e 2013). Para outras definições na mesma linha, cf. Butler (1997), Atkinson e Bridge (2005), Hamnett (2000), Rubino (2005).

8 A despeito das particularidades de cada uma dessas experiências, elas comungam algumas características. *Smart Cities* e *gentrification* se inserem nos novos discursos sobre a cidade pós-industrial. Reconhece-se a desaceleração do processo produtivo habitual e percebe-se esgotamento das possibilidades atrativas que rondam as cidades. Sempre muito atentos a novas oportunidades lucrativas, gestores e empreendedores urbanos redesenham outra face rentável das cidades, criando novos estímulos

com vistas ao controle dos usos e a inserção da cidade no fluxo intenso do capital. Em outras palavras: tornar a cidade *lisa*, desimpedida das *negatividades* (Han, 2014a) que criam específicos *lugares*¹¹ que “atrapalham” a circularidade da vida hipervisível.

Como se sabe, a Paris de Haussmann foi palco de uma espécie de *protogen-trification* (Smith, 1996), antecipando muitos aspectos que iriam constituir as experiências contemporâneas de *revitalização*¹² urbana. Contudo, para além da monumentalidade das largas avenidas e da adequação da infraestrutura urbana da cidade às novas demandas da era industrial emergente, a reforma foi igualmente um ato político. O golpe de Luís Bonaparte e a instauração do Segundo Império foram marcados por barricadas e levantes violentos nas estreitas ruas da velha Paris. É nessa direção que Walter Benjamin, em seu *Paris, Capital do século XIX*, afirma ter sido a reforma uma forma de “embelezamento estratégico”, cuja finalidade era “(...) precaver a cidade contra a guerra civil. Ele queria tornar impossível, definitivamente, a construção de barricadas em Paris” (1997: 76).

Hoje, as novas barricadas que se pretende evitar são outras. Processos de *revitalização* atuam sobretudo em áreas consideradas “abandonadas”, “degradadas”, “inóspitas”. Zonas indesejadas de áreas históricas das cidades, mas com alto valor patrimonial. A ideia de remoção de obstáculos ou entraves ao livre fluxo do consumo, moldado para o estilo de vida específico das classes medias e altas, está no cerne das intenções enobrecedoras. Tudo que seja ou pareça ser uma obstrução à assepsia urbana deve ser removido. O intento esteticopolítico dos processos urbanísticos que intentam *requalificar* os espaços urbanos é criar um espaço público idealizado: sem ranhuras, sem rugosidades, sem *estranhos*. Tal qual um cenário das práticas alargadas do consumo, deve ser claro, bem iluminado, hipertexto, repleto de estímulos visuais *obscenos*, de *positividades* (Han, 2014a) voltadas ao consumo.

para atrair o dinâmico e fugidio capital financeiro.

⁹ Cf. <http://www.intelligent-cities.net/html>.

¹⁰ Cf. Charles Landry (2008), Claudino Ferreira (2010).

¹¹ Lugares que devem ser entendidos como demarcações socioespaciais da diferença; como singularidades que demarcam contextos de ação e espaços simbolicamente convergentes (Leite, 2007).

¹² Para maiores detalhes sobre o termo em comparação aos seus correlatos, tais como reurbanização, regeneração, enobrecimento, cf. Peixoto (2009).

Figuras 2 e 3

O espaço enobrecido é um espaço do excesso e nele não cabem entraves *negativos*.

Toda oposição negativa à *positividade* do consumo deve ser eliminada.

Las Ramblas.

fotos do autor, 2015.

A negatividade sob a forma de obstáculo ou transição é constitutiva da tensão negativa. A coação da transparência desfaz todos os limiares. É quando é nivelado, alisado e desinteriorizado que o espaço se torna transparente. O espaço transparente é semanticamente pobre (Han, 2014b: 50).

La Rambla é uma longa passarela pretensamente *lisa* para o fluxo ininterrupto das práticas de entretenimento e consumo, ligadas sobretudo ao turismo. Digo pretensamente porque, ao contrário do que parece, ela é repleta de usos “indesejados”: moradores das áreas menos enobrecidas, e que gravitam em torno da avenida, convergem para ela parte de suas sociabilidades em táticas cotidianas ordinárias. Uma primeira manifestação desse uso ordinário não constitui exatamente um *contra-uso*. Ao contrário, trata-se de uma prática suportada pelo espaço enobrecido e, em certa medida, estimulado e endossado pelos gestores das áreas enobrecidas. Refiro-me ao uso cotidiano de parte da *Rambla* por idosos que se reúnem rotineiramente numa área que parece destinada a esse tipo de uso. Sentados em cadeira de ferro, dispostas às margens do *boulevard* central, eles conversam e observam com olhar severo toda a movimentação do espaço, como se fossem guardiões locais do lugar.

A presença desses observadores cotidianos imprime ao espaço uma característica valiosa para as políticas de enobrecimento: ela endossa o presumido caráter cívico do espaço público, mediante a presença de usuários que não são meros consumidores, cuja presença reitera a ordem disciplinar. Embora eles inscrevam suas próprias experiências no espaço, não afrontam e nem constituem empecilhos ao fluxo da *positividade* almejada pelo urbanismo empresarial.

As manifestações propriamente *táticas*, que precisam atuar nas brechas desse espaço de poder, não desfrutam da mesma acolhida e aceitação. Como

Figuras 4 e 5
La Rambla.
fotos do autor, 2015.

se sabe, a noção de tática em Michel de Certeau retém a concepção de um agir *por-entre-em*. A tática, como “arte do fraco”, é caracterizada pela “ausência de poder” e atua golpe por golpe: “a tática tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (Certeau, 1984: 37).

Essa astúcia é, assim, um modo (insubmisso) de viver, em meio à *lisura* da mercadologização do mundo que transforma os espaços da *diferença* em nichos do consumo (heterotopias consumíveis). Destaco, nessa direção, três manifestações do agir tático, que podem ser também expressões de condutas *contra-usuais* predominantes no eixo enobrecido da *La Rambla*: comércio ambulante informal, sociabilidades de jovens residentes do vizinho bairro *El Raval* e as práticas de prostituição.

Sugiro que essas manifestações não são apenas táticas, no sentido de se moverem por entre as configurações espaciais, mas são *contra-usos*, na medida em que estabelecem formas de confrontação abertas e explícitas. A ênfase dada por Certeau ao cotidiano como uma espécie de campo de batalha, cujas *táticas* precisam encontrar modos inventivos de escape e confrontação em cada situação, rompe com o caráter normativo das positivities da ação social cotidiana em direção às contingências fugidias. Embora o *contra-uso* seja derivado dessa noção astuta de tática, ele se refere a uma ação propositalmente mais direta e ofensiva: o *contra-uso* seria, nesse sentido, mais bélico do que tático.

O uso dos espaços em *La Rambla* pelos vendedores ambulantes é, portanto, mais contra-usual do que tático: deliberadamente afrontosa, a prática consiste em subverter a proibição da venda ambulante em uma

Figuras 6 e 7
Vendedores ambulantes
em *La Rambla* e jovens
moradores do *El Raval*.
fotos do autor, 2015.

área central do *boulevard* e furar o bloqueio da vigilância policial. A razão dos vendedores insistirem em ficar neste espaço, e não em outros que poderiam permanecer sem serem tão intensamente alvo das batidas policiais, justifica-se exatamente pela centralidade do espaço de passagem turística.

Ou seja, mesmo expulsos a toda hora, eles insistem em retornar exatamente para o mesmo local. Um raciocínio puramente *tático* talvez procurasse justamente o que Certeau sugeria: uma brecha no espaço, no qual pudessem realizar os fins desejados. Ao contrário da astúcia, os vendedores parecem extrapolar a sensatez do agir tático (que busca melhores trajetórias) para uma ação possivelmente menos eficiente, porém mais contundente na demonstração de uma insatisfação. O deliberado *contra-uso* poderia ser também observado no flagrante dispositivo que os ambulantes utilizam para facilitar a fuga e o posterior retorno: os vendedores de bolsas usavam uma corda, através da qual mantinham todas as bolsas presas entre si, de modo a facilitar o manuseio repentino. Com a chegada da *Guardia Urbana*, era corriqueiro ver todos correndo com seus produtos e, depois, retornarem ao mesmo lugar com ares de quem saíra vitorioso. Do ponto de vista dos negócios, isso era péssimo. Muitas vezes, sequer conseguiam concluir uma venda. Mesmo assim, preferiam essa ação instável e conflituosa a se instalarem em pontos menos movimentados da avenida.

A segunda manifestação tática de caráter contra-usual consiste em uma ação cotidiana mais sutil, porém não menos problemática para as políticas de enobrecimento. Em muitas experiências urbanas desse gênero, é comum que parte da população local deseje interagir e mesmo usufruir do espaço. Não haveria nenhuma forma de tensão se o espaço não fosse enobrecido e contemplasse as necessidades dos usuários residentes, o que implicaria não ser predominantemente voltado às práticas de consumo das classes médias e altas. Sempre que um espaço ignora seus usuários locais, o resultado é uma clivagem que gera *contra-usos*: ações que subvertem e afrontam os usos esperados.

Barcelona continua a ser uma das cidades turísticas mais visitadas do mundo, mas o entorno da principal área enobrecida abriga fortes tensões socioculturais, a exemplo do *El Raval*, que cada vez mais adentra *Las Ramblas*, como se pretendessem confrontá-la. O Raval é o bairro residencial mais próximo à área central enobrecida do centro histórico de Barcelona e passou por intervenções pontuais. Antigo bairro chinês e hoje um bairro multicultural com forte inflexão paquistanesa, o bairro se caracteriza justamente por não ser enobrecido e poder abrigar parte das sociabilidades não excluídas das *Ramblas*. Refiro-me sobretudo às sociabilidades noturnas, relacionadas à boemia e ao consumo de drogas (haxixe, maconha e cocaína), vendidas abertamente nas ruas.

Apesar dessas práticas noturnas clandestinas, o *Raval* é um bairro residencial e familiar, absolutamente normal. É evidente a disparidade de investimentos realizados entre ele e a área enobrecida das *Ramblas*. Meio às escuras e com ar de cenário histórico abandonado, muitos moradores expressam sua insatisfação pela condição marginal do bairro.

A comparação entre os espaços do *Raval* e das *Ramblas* conservam a assimetria típica das áreas enobrecidas e seu entorno. O que exatamente almeja “esse” novo urbanismo empreendedor? Em Portugal, a Inteli¹² resume a questão, ao expor os objetivos das ações do projeto *Cities*:

*A produção de recomendações orientadas para o desenvolvimento das indústrias culturais, em particular do empreendedorismo criativo associado à regeneração urbana. A regeneração de bairros degradados e de antigas áreas industriais tem assumido especial relevo como forma de promoção, atração e fixação de actividades e recursos humanos criativos e qualificados.*¹³

A clareza da recomendação é duplamente *obscena*: primeiro, por associar estrategicamente a concepção de empreendedorismo a formas de “regeneração” urbana em áreas consideradas “degradadas” e, segundo, por pretender que essa “regeneração” promova a atração e fixação de novos usuários “qualificados”. De uma só vez, a proposta revela o preconceito com os espaços centrais das cidades e seus moradores antigos, pobres, *homeless*, desocupados e toda a gama de “inadequados” que moram ou ocupam essas áreas das cidades.

Estudos sobre as experiências de *gentrification* em muitas cidades em todo o mundo são recorrentes em demonstrar o alto grau de segregação socioespacial e de exclusão nas práticas que transformam sítios de alto valor patrimonial em espaços atrativos para os negócios¹⁵. O *City Marketing* dos anos 1980 ganha

Figuras 8 e 9

Sociabilidades e antienobrecimento: à esquerda, residência em com faixa em catalão: “queremos um bairro digno!”. *El Raval*, fotos do autor, 2015.

13 Em sua própria definição: “A INTELI é um Centro de Inovação orientado para um novo modelo de desenvolvimento económico e social sustentável da economia portuguesa, baseado no conhecimento e na inovação”. Cf. <http://www.inteli.pt/pt/go/missao>

14 Cf. site da INTELI, entidade gestora da Rede RENER – Rede de Cidades Inteligentes de Portugal, membro da Rede Europeia de Living Labs. <http://smartcitiesportugal.net/>

15 Sobre diversos estudos realizados acerca de cidades europeias e americanas, cf. Leite (2010, 2013).

agora, nestas primeiras décadas do século XXI, contornos mais sofisticados e um discurso ainda mais apelativo, porque recorre a uma ideia de cidade para as pessoas.

À noite, não apenas o *Raval*, mas toda a extensão das *Ramblas* parece sucumbir à sedução de outro tipo de apelativo negócio: na medida em que as horas avançam, a prostituição revela a outra face dos espaços enobrecidos. Ocorre uma surpreendente inversão das sociabilidades em função do dia/noite e da substituição da luminosidade natural, que a tudo expõe, pelo sombreamento turvo da visão noturna.

Nas *Ramblas*, somente o dia parece enobrecido. E não é à toa. A *sociedade de consumo* (Baudrillard, 2014) se anuncia na vida urbana muito comumente através do excesso. Excesso que se espraia por muitos dos aspectos da vida e que, em quase todas as situações, resulta na exacerbação de um certo esforço de *ser* na vida. Esforço que por vezes satura as rotinas pelo empenho repetitivo dos afazeres diários. Excesso que conduz ao cansaço, mas não apenas. Um dos excessos modernos que alcançam a vida urbana é uma pretendida clareza sobre as coisas. Clareza no sentido literal e metafórico. Um primeiro excesso ambicionado pela sociedade hodierna foi o excesso de *luz*. A modernidade se assentou na ideia de uma razão iluminista que a todos libertaria, e a cidade ícone dessa filosofia foi a Paris de Haussmann: reformada, vigiada, socialmente higiênica, politicamente refreada. Cidade das luzes. Da *Belle époque* e dos passeios públicos, das vitrines e dos cafés.

O excesso de luminosidades e de limpeza funcionam como uma forma de expurgar dos espaços urbanos tudo aquilo que é considerado inútil, inadequado e incômodo aos fluxos de consumo. Além da limpeza física de calçadas, ruas, praças e monumentos; a sociedade do consumo regula a cidade enobrecida pela limpeza. Espaços limpos e bem iluminados se prestam a uma outra forma de excesso que serve à redução das *tensões negativas* dos espaços enobrecidos. Luz, limpeza e hipervisibilidade solapam as *singularidades* que criariam dissensões nesses espaços *transparentes*. Mantidas sob controle e vigilância, as singularida-

Figuras 10 e 11

Assimetrias: à esquerda, *Plaça Reial*, na área enobrecida; e à direita, *El Raval*, Barcelona. fotos do autor, 2015.

des se dissipam e cedem lugar ao disciplinamento esteticopolítico, traduzido na ideia imperativa de ordem.

A redução da tensão negativa dos espaços enobrecidos se dá pela aniquilação das inúmeras *negatividades* presentes antes e durante as intervenções urbanísticas e arquitetônicas. E uma das maneiras de reconhecer essa redução é através da exacerbação estética e funcional dos espaços. Contra a *penumbra* das áreas consideradas marginais, mal habitadas e degeneradas, eclode um amplo espectro de luzes, que incidem de forma unidirecional sobre os espaços urbanos enobrecidos, aumentando a sensação de um cenário para um espetáculo urbano no qual o consumo dos lugares é a grande atração. As luzes não operam apenas a função de clarear fisicamente o espaço. As luzes atuam também para imprimir ao espaço a ideia de segurança e limpeza. O excesso de luz atua como antisséptico social que dissipa as sombras e seus correlatos usos indesejados do espaço. A luz higieniza e, por isso, seu uso é utilizado em larga escala nos processos de enobrecimento urbano. A luz em excesso é uma forma de constrangimento social, de controle, de vigilância: impede a circularidade daquele que não se insere no público consumidor dos espaços enobrecidos na mesma proporção que favorece a hipervisibilidade da autoexposição das práticas de consumo.

A luz que higieniza é a claridade que segrega¹⁶. A luz em excesso expulsa as *negatividades* dos espaços e reforça o estado de vigilância da cidade enobrecida. Embora quase sempre se assente na retórica de “revitalizar” o espaço público, os projetos de enobrecimento apenas seccionam áreas para o consumo, adensando ações segregacionistas. Metaforicamente, o excesso de luminosidades reforça a ideia racional de uma ordem normativa de caráter deontológica. A luz que ilumina a cena enobrecida parece ser uma forma de uma racionalidade materializada do urbanismo empreendedor, assente no projeto moderno. Adequando a análise aos termos propostos por Byung-Chul Han (2014a), o espaço enobrecido também almeja a *transparência* para aumentar a eficácia reguladora dos padrões de controle pretendidos.

A luz dos espaços enobrecidos é um *panóptico* exemplar, no sentido atribuído por Foucault: ela encandece e permite que se possa observar, de um único ponto de vista, a tudo e a todos. No panóptico urbano distorcido pelo excesso de luz, tudo parece ser visto, mas quase nada de fato se observa. A ausência de atenuações óticas solapa as ambiguidades no excesso das luminosidades urbanas e criam cenários ideais para a vigilância perfeita. Para punir, a ordem normativa e policial não consente com a obstrução desordenada advinda dos becos sinuosos, cuja baixa intensidade de luz confunde e perturba a vida.

Não por acaso as Ramblas de Barcelona parecem enfraquecer seu caráter enobrecido quando chega a noite. A penumbra é dúvida e ambiguidade. A imprecisão é inimiga da clareza que a tudo acomoda no mundo dos excessos. À noite, sob as

16 Essa tensão entre luz e sombra nos espaços revitalizados já havia sido explorada no estudo sobre o bairro do Recife (cf. Leite, 2007).

sombras da ausência de luz, mais inseguro e vulnerável, o espaço das *Ramblas* ganha outro tipo de usuário, muito diferente daquele perfil familiar-turístico que se destaca durante o dia. A oferta de sexo, seja por mulheres ou homens, é tão aberta quanto acintosa. Muitos rapazes abordam de forma insistente e constrangedora os transeuntes que tentam se esquivar do constante assédio.

É paradoxal a presença desse *contra-uso* relacionado ao uso do espaço para a prostituição porque a higienização social proposta pelas políticas de enobrecimento é enfática quanto à necessidade de remoção dessas práticas da rua, mas o poder público parece endossar práticas correlatas, quando ocorrem em espaços fechados. Em meio à madrugada que esvazia as *Ramblas* e seu entorno, o maior ponto de frequência passa a ser a casa de shows *Panams Show Girls*. Por entre curiosos e frequentadores, o espaço próximo à casa suporta indiscretos rapazes e moças que se misturam aos visitantes para oferecer seus serviços sexuais.

O fim dessa primeira enunciação urbana, construída passo a passo a partir da *Plaça da Catalunya*, culmina sugestivamente no Monumento a Cristóvão Colombo. Nada poderia ser mais alusivo aos processos de *gentrification*: afinal, o sentido desbravador das experiências arquitetônicas e urbanísticas de Barcelona também parecem reter uma certa dimensão de exclusão e barbárie, em meio ao pretendido e anunciado processo (re)civilizador do centro histórico.

SMART CITY: O DISTRITO 22@

Barcelona é uma cidade considerada global (Índice Beta+ no GaWC 2008)¹⁷ e avaliada como uma das mais importantes *cidades inteligentes* da Europa. Nela se desenvolve há mais de uma década um polêmico e supostamente inovador projeto de “revitalização” da antiga área industrial de *Poblenou*. Através de um novo decreto-lei, foi criada uma nova designação para a área, sugestivamente denominada de 22@, cujo principal objetivo é implantar novos e “inteligentes” prédios e atividades, com vistas ao estímulo de serviços e negócios relacionados com as novas tecnologias do conhecimento.

Figuras 12 e 13
Las Ramblas, Barcelona.
fotos do autor, 2015

17 <http://www.lboro.ac.uk/gawc/world2008t.html>

As *smarts cities* (Townsend, 2014) contêm as principais características das chamadas cidades *globais*¹⁸. Não existem, contudo, índices e parâmetros consensuais sobre como qualificar uma *smart city*. Há um conjunto de critérios, relativamente dispersos, em volta de questões como governação na gestão pública, mobilidade, acessibilidade, conectividade, sustentabilidade, inclusão, criatividade, inovação, tecnologia. A ideia mobiliza esses temas para repensar um conceito de cidade que se adéque aos interesses alargados do capitalismo global. Muitas metrópoles mundiais integram, em posições diferentes e contraditórias, distintos *rankings* de cidades inteligentes.

Nessa proliferação de índices, surgem mais cidades do que posições nesses *rankings*: Londres, Cingapura, Seul, Amsterdã, Berlin, Barcelona, Copenhagen, Hong Kong, Seattle, Lisboa, Tóquio, Hamburgo, Gênova, Oslo, Mannheim, Basileia. A depender do parâmetro, eleger-se uma ou outra. Mudam-se as posições. Cada país, por sua vez, eleger seus próprios critérios para atribuição do enquadramento, assim como formam redes de cidades supostamente *inteligentes*. Uma pequena cidade espanhola ou portuguesa pode ser considerada *smart* porque tem ciclovias e áreas verdes, mas dificilmente se manteriam em destaque se o critério for desenvolvimento de empresas na área do conhecimento digital. Hong Kong pode ser considerada *inteligente* devido à sua alta produção tecnológica, mas possivelmente perderia o atributo se o critério for moradia ou mobilidade urbana. Em Portugal, a *RENER Living Lab*¹⁹ – Rede Portuguesa de Cidades Inteligentes – engloba 43 cidades de níveis de desenvolvimento muito distintos e discutíveis, tanto quanto sua vizinha espanhola, RECI – Rede Espanhola de Cidades Inteligentes.

Esse enquadramento conceitual é, muitas vezes, uma farsa. A chancela desejada no mercado do reconhecimento institucional abre as portas para financiamentos, investimentos e generosas linhas de crédito. Esse cobiçado enquadramento revela mais do que a real situação de cada cidade, desvenda as estruturas de *marketing* que rondam as cidades desde sempre e que, nas últimas três décadas, ganhou ares mais elaborados. A permissividade dos critérios e conceitos, manuseados conforme os interesses e estratégias, revelam parte da *obscenidade* dessa velha e renovada lógica do urbanismo enobrecedor. Todos querem ser criativos, *smarts*, inteligentes, inovadores, tecnológicos, empreendedores. As cidades, mais uma vez, são custodiadas para a especulação financeira e novas formas de ganhos.

Através do apelo às *Smart Cities*, o urbanismo liberal se renova embalado pela mesma lógica mercadológica e alcança o apelo irresistível da sustentabilidade ambiental e humana, pelo viés da inovação tecnológica. Cidades *enobrecidas* e *inteligentes* apelam, de modo perspicaz, para questões fulcrais da vida urbana moderna: segurança, inclusão social, defesa do meio ambiente, sustentabilidade,

18 Para aferir os níveis de globalidade de uma cidade, pode-se consultar o ranking da GaWC network, do Departamento de Geografia da Loughborough University, UK.

19 Ver: <http://rener.pt/>.

inovação, uso criativo de tecnologias. Em tese, o apelo se transverte na defesa de uma cidade melhor: mais inclusiva, mais humana, mais segura, e voltada para a os interesses e melhora da qualidade de vida local. Contudo, o que se pretende alcançar mais parece, de fato, tão somente um ambiente renovado e atrativo para os negócios.

Uma dúvida incontornável paira nesses projetos, uma vez que sempre será muito difícil conciliar interesses econômicos tão excludentes com essa pretensão de equidade social através da natureza intrinsecamente elitista da ideia de ambientes urbanos *enobrecidos* e *inteligentes*. Esse é precisamente o maior problema dessa concepção de cidade. Ela não prevê as inserções assimétricas que configuram a natureza altamente desigual e conflitiva do mundo urbano. Imagina-se ser a cidade apenas um cenário estético para poucos incluídos que têm acesso aos serviços *smart*. Contudo, seria no mínimo ingênuo crer que esses serviços estariam acessíveis à parte mais pobre das populações das grandes cidades.

Essa ideia de cenário é talvez a característica mais emblemática do *Poblenou*. Embora seja um bairro residencial, a parte que mais sofreu as intervenções arquitetônicas circunscreve edificações deterioradas da antiga área industrial. A sensação cenográfica é inevitável. Anda-se por todos os lados e o que mais se observa são edificações reformadas; novos prédios com assinatura de renomados arquitetos e ruas esteticamente arrumadas. Tudo limpo, ordenado, mas quase sem vida. O *Poblenou* parece um bairro vazio. Contudo, as edificações reformadas apenas ocultam os “fantasmas do passado” (Certeau, 1984), por entre suas novas fachadas de ferro, vidro e concreto.

O caminhante do *Poblenou* precisa superar as paisagens aparentemente vazias que iludem o transeunte desavisado. Somente assim pode-se apreender os “espíritos do lugar” (Certeau, 1984). É preciso *praticar* o espaço para que ele se desvende e venha ao nosso encontro, no melhor sentido fenomenológico do termo. Pouco a pouco, as sofisticadas e imponentes edificações deixam-nos entrever outra face do antigo bairro: mostram-se as suas rugosidades no espaço urbano

Figuras 14 e 15

A antiga paisagem industrial renovada para os negócios. Poblenou. Distrito 22@ de Barcelona. fotos do autor, 2015.

pretensamente liso. Somente a prática de uma investigação cotidiana permite apreender essa dimensão ocultada pelas intervenções renovadoras. Não por acaso, a base empírica para uma teoria do cotidiano em Certeau reside, sobretudo, no que ele denomina “caminhadas pela cidade”. Como operações enunciativas, “a caminhada afirma, suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que falam” (Certeau, 1984: 99). Para Certeau, os passos pela cidade são uma espécie de matéria-prima das táticas cotidianas, mediante os quais as diferentes modalidades de ação entram em jogo. E caminhar significa não ter lugar. A transgressão advinda dessa ausência de posse faz do andante um insubmisso tático e contrário à *mera vida* e seus padrões acelerados de produção e consumo.

Através de um caminhar tático, percebe-se que o *Poblenou* não é um bairro vazio em si. É um bairro que simplesmente desejou – em parte – morrer, mas talvez não permitiram. A paisagem retocada parece querer encobrir as ruínas que abrigam os “espíritos do lugar”. Essa recusa da morte urbana e o apelo incansável pela vida, no contexto da cultura urbana contemporânea, é uma forma de busca sem limites do máximo rendimento, que conduz tudo a uma espécie de vida pela vida ou *mera vida*. Mais do que uma exacerbada defesa da vida produtiva (sim, porque nesta concepção não basta estar vivo, é preciso ser um *sujeito* hiperativo do rendimento), o que se manifesta é a rejeição da

natural finitude do ser, expressa na simples ideia de morte. Ao tergiversar a morte, a cultura urbana do rendimento e do trabalho encontra na *mera vida* a forma de se opor a toda *negatividade* que obstaculiza o fluxo produtivo. A cultura urbana da cidade hiperativa possui, assim, um paradoxo. Como sugere Baudrillard (1996), o capital explora as pessoas (e as cidades) até a morte. Uma morte lenta e inexorável. Mas, ao final, nega-lhes o direito de morrer. O poder se expressa pela suspensão da morte.

Figuras 16 e 17

Ruínas no Poblenou, Barcelona: a negação da morte pela hiperatividade da revitalização urbana. fotos do autor, 2015.

A alta produtividade que nega a morte, ao contrário de significar emancipação, pode constituir o auto-encarceramento do *ser* numa racionalidade econômica positiva e instrumentalmente assentada na tríade ideia de trabalho-produção-consumo. A apologia da *mera vida*, ao negar a dimensão emblemática da finitude do *ser*, solapa também toda prática social e modos de vida que não se coadunem com a aceleração da vida.

A sociedade positiva, da qual se retirou a negatividade da morte, é uma sociedade da mera vida, dominada somente pela preocupação da “assegurar a sobrevivência da descontinuidade”. E tal é a vida de um escravo. Esta preocupação pela mera vida, pela sobrevivência, despoja a vida de toda a vivacidade, que representa um fenômeno extremante complexo. O meramente positivo é desprovido de vida. A negatividade é essencial à vitalidade (Han, 2014b: 33).

Nessa linha de reflexão, uma pessoa que não aceita a morte evade-se da vida para a *mera vida*, na medida em que não consente plenamente com a sua inevitável finitude. Ao não reconhecer a *negatividade* da existência, não questiona, não contesta, não confronta. As cidades enobrecidas pelo urbanismo empresarial também esnobam a morte em seu excesso de vida para o consumo e lazer: desdenham a morte sobretudo por não desejarem ser contestadas. Os espaços *enobrecidos* e *inteligentes* são projetados na vida urbana como supostas verdades válidas para todos os usuários (ou, ao menos, para aqueles a quem se destinam esses projetos), quando se sabe, em contrapartida, que somente poucos têm acesso de fato a esses espaços.

As cidades enobrecidas ou “inteligentes” não suportam as assimetrias da vida contingente e, tal como as pessoas em seus excessos de vida ativa, não aceitam sua *provável impossibilidade de ser*. Pensar a ruína urbana como “morte” da cidade é cogitar sua finitude, sua provisoriedade, sua existência singular e transitória: “A morte é a possibilidade da pura e simples impossibilidade-de-ser *aí*” (Heidegger, 2012: 691).

Pessoas e espaços urbanos que não suportam a possibilidade do fracasso são como entes de uma *mera vida*, desprovidos como estão de suas condições dinâmicas de mudar, dadas as possibilidades de não-ser-mais. Assim, não é a existência-em-si ou a *mera vida* que define o *ser*. O que o define no decurso de sua existência temporal é justamente a imponderável possibilidade de um dia simplesmente não-ser-mais. Essa negatividade estranha à vida é o que em Heidegger significa a própria existência contingente do *Dasein*: “Sua morte [do *Dasein*] é a possibilidade do já-não-poder-ser-*aí*” (Heidegger, 2012: 691).

Os espaços urbanos voltados aos negócios e ao consumo são projetados para se sobreporem às contingências e a todo tipo de obstáculos que eventualmente venham a fazer resistência ao sonho consumista e pacificador das *tensões negati-*

vas da vida ordinária. São espaços que se pretendem categóricos na imputabilidade de formas alargadas de coerção normativa para inibir táticas, contrassensos e *contra-usos*. Não deixa de ser curioso que, tal qual o primeiro percurso das *Ramblas*, a trajetória pelo distrito 22@ tenha se iniciado na global Torre Agbar e culmine, de modo igualmente sugestivo, no histórico Cemitério do *Poblenou*. Depois de caminhar pelo elegante bairro sem deixar de perceber suas ruínas industriais, o andante parece ser convidado a refletir compulsoriamente sobre a morte. Mas por pouco tempo, nada pode refrear o fluxo contínuo do espaço do consumo.

Como a morte urbana não representa aqui exatamente o fim da cidade, mas apenas a *possibilidade* de considerarmos sua finitude (como ruína), o *Poblenou* finda onde começa o último trajeto que leva o caminhante de volta às *Ramblas*: o *Passeig Marítim*. Reformado e ampliado para as Olimpíadas de 1992, o percurso de 1,3 km da Orla é feito em um típico espaço liso: amplo, limpo, sofisticado e com obras referência da arquitetura Contemporânea. A paisagem constitui um dos cartões-postais mais famosos de Barcelona: nele está o famoso Peixe Dourado, do arquiteto Frank Gehry, dentre outras relevantes obras arquitetônicas.

Figuras 18 e 19

Passeig Marítim.
fotos do autor, 2015.

O percurso da praia revela um derradeiro aspecto dos processos de enobrecimento: o caráter monumental da paisagem, que, nas palavras de Sharon Zukin, representa a formação de uma “paisagem de poder”:

(...) a paisagem dá forma material a uma assimetria entre o poder econômico e o cultural. Essa assimetria de poder modela o sentido dual da paisagem. (...) o termo “paisagem” diz respeito à chancela especial de instituições dominantes na topografia natural e no terreno social, bem como a todo o conjunto do ambiente

construído, gerenciado ou reformulado de algum modo. No primeiro sentido, a paisagem dos poderosos se opõe claramente à chancela dos sem poder – ou seja, à construção social que escolhemos chamar de vernacular –, ao passo que a segunda acepção de “paisagem” combina esses impulsos antitéticos em uma visão única e coerente no conjunto (Zukin, 2000: 84).

Uma *paisagem de poder* crava no espaço mais do que pedra e cal: demarca territórios assimétricos e consagra, na imponência monumental da arquitetura, a assimetria do poder que caracteriza a cidade Contemporânea. A alusão de Zukin à oposição aos “sem poder” faz-nos chegar ao término da nossa anunciação por Barcelona fechando um ciclo de retorno ao início da nossa análise: a tática é caracterizada exatamente pela “ausência de poder” e atua “golpe por golpe” (Certeau, 1984: 37). Exatamente por ser errante e sem lugar, a tática consegue desvendar o poder que encarna e se manifesta nos processos contemporâneos de enobrecimento urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que Barcelona representa quase de maneira paradigmática é a junção de tendências de uma espécie de urbanismo *fashion* global, sintetizadas na associação entre *gentrification* e *smart cities*: inserção agressiva no mercado mundial de bens e serviços voltados ao turismo internacional; intervenções urbanas de caráter mercadológico; enobrecimento de áreas portuárias e/ou históricas com visitas à “regeneração” de usos; políticas de patrimonialização associadas a práticas de valorização e especulação imobiliária; higienização dos espaços públicos; forte apelo visual mediante uma arquitetura monumental; segregação socioespacial das áreas “renovadas” devido à elevação dos níveis socioeconômicos dos produtos ofertados; inserção da economia local nos fluxos globais e financeiros do capital digital e tecnológico.

Não há sutileza no processo e nem no produto que resulta dessas ações remodeladores da cidade. A intervenção é acelerada porque aceleradas são as metas esperadas pelos ciclos retroalimentadores do capital. O procedimento é estrategicamente pensado para *alisar* os espaços urbanos de modo a frear a presença do estranho e de tudo que ordinariamente seja um entrave ao processo. Tenta-se solapar a *negatividade* que destoa dos cenários elaborados para o lazer e o consumo. As cidades *inteligentes* e *enobrecidas* são sempre muito iluminadas para que ninguém possa se insinuar no ponto de vista do *outro*, que não aquele esperado. São cibernéticas: vigiadas e monitoradas eletronicamente – e pragmáticas naquilo que mais cobiçam: consumidores.

Somente escapa desse enquadramento do consumo quem à margem dele

trafega. Isso implicaria um certo estranhamento espacial: uma “ausência de lugar”. Por isso Michel de Certeau pode ser atual e ainda muito oportuno para pensarmos em uma teoria do cotidiano para entendermos os *contra-usos* que opõem e confrontam os condicionamentos sociais dos processos de enobrecimento.

Eu gostaria de acompanhar alguns dos multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos procedimentos que escapam da disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo que exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido, e da inquietante familiaridade da cidade (Certeau, 1984: 96).

Mais do que repensarmos modelos, adaptações ou novas formas de reproduzir os projetos de intervenção urbana existentes, talvez seja o caso de indagarmos em definitivo que cidade se quer para o futuro, para *quem* e para *qual* finalidade.

O urbanismo moderno, herdeiro da razão kantiana (Leite, 2017), não distingue usuários, não respeita diferenças, não escuta populações marginais: simplesmente planeja intervenções e as executa com base no predominante critério que afirma a suposta dimensão universal do consumo na vida cotidiana contemporânea. Dele resultam espaços urbanos e patrimônios culturais transformados em mercadorias; cidadãos transmutados em consumidores. Eis que esse urbanismo repete, em menor escala e circunscrito à cidade, a falácia do projeto moderno que prometeu emancipar e tornar iguais e fraternas pessoas tão distintas umas das outras. De fato, a única igualdade que o projeto moderno realmente promoveu foi o de a todos reduzir – igualmente – a *ser-valor* (Leite, 2016).

A negação da singularidade do espaço urbano e sua redução a uma lógica generalizada do consumo têm tornado certos espaços da cidade expressões de uma decadência cada vez mais crescente nas cidades pós-enobrecidas. E aqui talvez devêssemos retornar ao início para dizer que, apesar da *exaustão* do modelo de enobrecimento e suas comprováveis repercussões negativas na vida cotidiana, várias cidades continuam reproduzindo esse tipo de intervenção urbana, sempre com ares renovados e com outras terminologias. Há pelo menos quatro décadas que assistimos a semelhantes processos de intervenção urbana em sítios de alto valor patrimonial, em formas nominais variantes: revitalização, requalificação, regeneração, nobilitação, *gentrification*, *creative cities*, inteligente ou *smart cities*. Resguardadas as peculiaridades de cada uma, essas iniciativas se assemelham nomeadamente pela invasiva postura em relação a moradores nativos, pelo enfoque demasiado mercadológico no trato dos espaços e dos patrimônios existentes e, de modo geral, pela falta de qualquer pudor na instalação de mecanismos que segregam os usos dos espaços urbanos.

Rogerio Proença Leite é professor titular de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFS. É pesquisador do CNPq, e professor colaborador do Mestrado em Preservação do Patrimônio do IPHAN/RJ e do Programa de Doutorado em Cidades e Culturas Urbanas da Universidade de Coimbra. É Co-Editor da *Revista Brasileira de Sociologia*, da SBS. Autor, entre outros, de *Contra usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea* (2004).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antonio

2000 *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, Ed. Unicamp.

ATKINSON, Rowland e BRIDGE, Gary (orgs.)

2005 *Gentrification in a Global Context: The new urban colonialism*. Londres, Routledge.

BAUDRILLARD, Jean

1996 *A troca simbólica e a morte*, vol. I. Lisboa, Edições 70.

2014 *A sociedade de consumo*. Lisboa, Edições 70.

BENJAMIN, Walter

1997 "Paris, capital do século XIX". In FORTUNA, C. (org). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras, Celta Editora.

BOURDIN, Alain

2011 *O urbanismo depois da crise*. Lisboa, Livros Horizonte.

BUTLER, Tim

1997 *Gentrification and the Middle Classes*. Aldershot, Ashgate.

CERTEAU, Michel de

1984 *The Practice of Everyday Life*. Berkeley, University California Press.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix

1997 *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo, Editora 34.

FERREIRA, Claudino

- 2010 “Cultura e regeneração urbana: novas e velhas agendas da política cultural para as cidades”. *Tomo*, Dossiê Cidades, n.16: 29-56. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21669/tomo.voi16.518>.

HAMNETT, Chris

- 2000 “Gentrification, Postindustrialism, and Industrial Restructuring in Global Cities”. In BRIDGE, Gary e WATSON, Sophie (orgs.). *A Companion to the City*. Oxford, Blackwell Publishing, pp. 331-341.

HAN, Byung-Chul

- 2014a *A sociedade da transparência*. Lisboa, Relógio d'Água Editores.
2014b *A agonia de Eros*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.

HEIDEGGER, Martin

- 2012 *Ser e tempo*. Edição bilíngue Português/Alemão, traduzida e organizada por Fausto Castilho. Campinas, Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro, Vozes.

LANDRY, Charles

- 2008 *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. Londres, Comedia.

LEFEBVRE, Henri

- 1999 *A revolução urbana*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

LEITE, Rogerio Proença

- 2007 *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*, 2ª ed. Campinas, Editora da Unicamp.
2010 “A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas”. *Revista brasileira de Ciências Sociais* [online], vol. 25, n. 72: 73-175. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/So102-69092010000100006>.
2013 “Consuming Heritage: Counter-Uses of the City and Gentrification”. *Vibrant, Virtual Brazilian Anthropology* [online], vol.10, n.1: 165-189. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412013000100009>.
2016 “Atopic City: Consumption and Death in Urban Life”. *Current Urban Studies*, 4: 280-296. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4236/cus.2016.43019>.
2017 “Razão e cidade moderna”. *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 5, n. 10: 290-310. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.214>.

LEITE, Rogerio Proença e PEIXOTO, Paulo

- 2009 “Políticas urbanas de patrimonialização e contrarrevanchismo: o Recife Antigo e a Zona Histórica da Cidade do Porto”. *Cadernos Metrópole*, 21: 93-104.

LESS, Loreta; SLATER, Tom; e WYLY, Elvin

- 2008 *Gentrification*. Nova York, Routledge.

PEIXOTO, Paulo

- 2009 “Requalificação urbana”. In FORTUNA, Carlos e LEITE, Rogerio Proença (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra, Almedina, pp. 41-52.

RUBINO, Silvana

- 2005 “A Curious Blend? City Revitalization, Gentrification and Commodification in Brazil”. In ATKINSON, Rowland e BRIDGE, Gary (orgs.). *Gentrification in a Global Context: The New Urban Colonialism*. Londres, Routledge, pp. 225-240.

SMITH, Neil

- 1996 *The New Urban Frontier: Gentrification and Revanchist City*. Londres e Nova York, Routledge.

TOWNSEND, Anthony M.

- 2014 *Smart Cities: Big Data, Civic Hackers, and the Quest for a New Utopia*. Nova York, WW Norton & Company.

ZUKIN, Sharon

- 2000 “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”. In ARANTES, Antonio (org.). *O espaço da diferença*. Campinas, Papirus.

Recebido em 7 de dezembro de 2017. Aceito em 16 de junho de 2018.